

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

HISTÓRIA, ARQUIVO E MEMÓRIA – BREVES CONSIDERAÇÕES COM BASE NAS OBRAS DE ARLETTE FARGE

Paula Fernanda Monteiro

Universidade Federal do Espírito Santo

Email: nandahistoria@hotmail.com

Resumo:

Este trabalho tem como objetivo fazer algumas considerações acerca do papel do historiador no manejo das fontes e da importância do arquivo para guardar a memória de um povo. Para isso, utilizei, sobretudo, os escritos da historiadora francesa contemporânea Arlette Farge, extraídos de suas obras voltadas para os comportamentos e identidades das classes populares no século XVIII, mas que também trazem a questão da memória e da escrita da História.

Palavras-chave: arquivo – memória - História

1. Introdução

Arlette Farge é uma historiadora francesa contemporânea, professora na Escola de Estudos Avançados em Ciências Sociais (École des Hautes Études en Sciences Sociales), em Paris, e diretora de pesquisa do Centro Nacional de pesquisa científica (Centre national de la recherche scientifique), especializada em estudos sobre a França do século XVIII. Sua obra contempla em especial os comportamentos e identidades das classes populares nesse período, as relações entre homens e mulheres e a escrita da História.

Especificamente sobre o assunto tratado nesse texto, buscou-se voltar o olhar para seus escritos sobre a importância dos arquivos como local de se conhecer a memória de

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

determinado período e o papel do historiador em estabelecer a relação entre o passado e o presente. Como ela afirma em seu livro "Lugares para a História", o historiador deve ser preocupar em fazer essa conexão, estabelecer esses laços, unir o estudo dos mortos ao tempo dos vivos (FARGE, 2015). Cuidando sempre para não incorrer no risco do anacronismo. Não à toa, Lucien Febvre chamou o anacronismo de “o pecado dos pecados”. É necessário compreender o passado sem recobri-lo com julgamentos modernos. Acerca dos papéis do historiador, ela complementa mais a frente, nesse mesmo texto, que um outro também fundamental é o de dar uma memória para a sociedade.

2. Definição de arquivo

Segundo definição da própria historiadora francesa no livro “o sabor do arquivo”, ela afirma que arquivo é um

Conjunto de documentos, quaisquer que sejam suas formas ou seu suporte material, cujo crescimento se deu de maneira orgânica, automática, no exercício das atividades de uma pessoa física ou jurídica, privada ou pública, e cuja conservação respeita esse crescimento sem jamais desmembrá-lo (FARGE, 2009, p. 10)

O arquivo, assim, constitui um conjunto de realidades que contribuirá às futuras gerações para recordarem imagens de grupos socioculturais através de sua documentação. Sobre isso, Farge assinala que:

O arquivo é uma brecha no tecido dos dias, a visão retraída de um fato inesperado. Nele, tudo se focaliza em alguns instantes de vida de personagens comuns, raramente visitados pela história, a não ser que um dia decidam se unir em massa e construir aquilo que mais tarde se chamará história. O arquivo não escreve páginas de história. (FARGE, 2009, p. 14)

Em seus estudos sobre o século XVIII, Farge utiliza basicamente arquivos judiciais: anotações dos observadores da polícia, relatórios de inspetores e espias, processos contra os críticos do rei com seus “maus discursos”, peças judiciárias dos arquivos da Bastilha, opinião dos súditos do rei no momento dos grandes acontecimentos e que estão em fundos manuscritos; folhas volantes, cronistas e memorialistas, que escrevem da sua maneira o acontecimento. Tudo isso restitui palavras e falas sobre as questões públicas e do tempo. Esses arquivos do judiciário se encontram no Arquivo Nacional,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

na Biblioteca do Arsenal e na Biblioteca nacional. Sobre a importância da conservação desses documentos, a historiadora francesa afirma que:

O arquivo supõe o arquivista; uma mão que coleciona e classifica, e embora o arquivo judiciário seja, com toda evidência, em todas as bibliotecas ou depósitos de arquivos departamentais, o mais “brutalmente” conservado (isto é, simplesmente guardado em estado bruto, sem encadernação, sem capa, apenas reunido e atado como um feixe de palha), de certo modo está preparado para um uso eventual (FARGE, 2009, P.11)

Interessa que a autora relata seu trabalho com esses arquivos de polícia, como um reencontro com a fala dos mais despossuídos, dos que não sabiam escrever e dos quais se reencontra a pista de suas palavras proferidas e escritas através dos dossiês de polícia (conservados sob forma manuscrita contendo processos verbais, investigações, interrogatórios, testemunhos, acareações, etc.). E mesmo existindo a possibilidade da deturpação, o historiador deve saber distinguir o verossímil e a mentira. É possível trabalhar com esses arquivos sem crer estar diante de uma realidade dada.

Segundo Farge, os dossiês de arquivos, repletos de falas vivas e fortes, fazem ver a que ponto a população vive durante o século XVIII em sistema de inteligência com aquilo que vê, sofre e escuta. A cada acontecimento, trata-se de guerra, preço do pão, tratados diplomáticos, vinda do rei...etc. falas que pronunciam definindo as formas de recepção de uma população ávida de informações e que constrói, muito rápido, com seus próprios meios, o sentido daquilo que vê. Guardando à memória, projetando-se adiante, essa população desenha, a golpes de palavras, trajetórias da opinião em que o julgamento sobre a coisa pública cria novas ações, esperanças ou intenções.

Como explicita a historiadora: a descoberta do arquivo é um maná que se oferece, justificando plenamente seu nome: fonte. E continua afirmando que:

O gosto pelo arquivo passa por um gesto artesão, lento e pouco rentável, em que se copiam textos, pedaço por pedaço, sem transformar sua forma, sua ortografia, ou mesmo sua pontuação. Sem pensar muito. Mas, pensando nisso o tempo todo. Como se ao fazê-lo, a mão permitisse ao espírito tornar-se cúmplice e simultaneamente estrangeiro ao tempo e a estes homens que se contam (FARGE, 2009, p. 23)

3. Arquivo e memória

Existem momentos históricos que possuem vasta documentação, como por exemplo, a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e outros onde há grande dificuldade na

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

localização de arquivos, seja pela distância temporal, seja por falta de registros que narrem o fato.

O primeiro contato com o arquivo, faz com que o historiador se sinta transportado ao contexto que pesquisa. Para Farge

o arquivo petrifica esses momentos ao acaso e na desordem; aquele que o lê, que o toca ou que o descobre é sempre despertado primeiramente por um efeito de certeza (...) O vestígio deixado torna-se representações do real. Como se a prova do que foi o passado estivesse ali, enfim, definitiva e próxima (FARGE, 2009, p. 29)

Porém, a autora enfatiza que a maneira de ler os documentos pela confiabilidade de informações palpáveis destitui de sentido tudo que não é devidamente “verdadeiro”, verificável.

4. Considerações finais

A cada época, o historiador se esforça para conciliar as exigências da objetividade e a necessidade que tem de reinterpretar o passado à luz do presente. Mas em face do que é, em face do que vem, o que diz a história? No livro *Lugares para a história*, Farge reflete sobre a responsabilidade do historiador diante do presente: pensar o sofrimento, a crueldade, a violência, a guerra sem reduzi-los a fatalidades é também querer explicar os dispositivos, os mecanismos de racionalidade que os fizeram nascer.

Como consta numa transcrição na parede principal de uma das salas do *Archivo del Terror*, em Assunção, no Paraguai, *los archivos, materia y memoria, están llamados a ocupar un espacio relevante en la lucha contra la amnesia colectiva que afecta a nuestro pasado reciente o remoto.*

Arquivos e museus podem assim ser considerados objetos da história, e não apenas como repositórios de fontes, contribuindo para a um questionamento crítico mais aprofundado da disciplina e da relação da história e memória.

5. Referências Bibliográficas

FARGE, A. *Lugares para a História*. Lisboa: Teorema, 1999.

**ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História
Rio de Janeiro/RJ, 2021**

_____. O Sabor do Arquivo. São Paulo: EDUSP, 2009.